

## **Os Muros da Cidade Ecoam Nossas Vozes: Narrativas de Resistência, Romperes de Silenciamentos e de Padrões nos Grafites de Mulheres<sup>1</sup>**

Patrícia de Souza NUNES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **Resumo**

Este artigo, de natureza exploratória, investiga os grafites feitos por mulheres enquanto modos de resistência nas cidades, procurando observar os discursos sobre a mulher e seu corpo. Parte do pressuposto de que os grafites trazidos por artistas femininas apresentam figuras que se distanciam dos padrões estético-corporais reproduzidos pela publicidade. Metodologicamente, descrevo sete grafites com personagens mulheres, de duas artistas de Natal, capital Rio Grande do Norte, refletindo-os a partir das perspectivas de Orlandi (2004), Silva (2011), Le Breton (2019) e Hooks (2019). Ao final, verifico que os grafites são modos de resistência à ordem estabelecida pelos atores hegemônicos da cidade, ao se posicionarem sobre assuntos do corpo, da mulher e da sexualidade.

**Palavras-chave:** mulheres; corpo; grafite; resistência; cidade.

### **Introdução**

O grafite na cidade, em sua essência, expressa a crítica social à ordem imposta. Apresenta-se como discurso provocador das estruturas dominantes e de resistência às desigualdades sociais com as quais vivem muitos dos grafiteiros. Com o crescimento da cena do grafite, as mulheres tomam as ruas como protagonistas de um território que, para a cultura machista, não as pertence.

A arte urbana dá visibilidade àquilo que não se quer ver, ou seja, o espaço deteriorado adquire cores e formas que o transcendem e produzem sentido. A arte denuncia com originalidade as mazelas do mundo urbano atual, transgredindo não apenas a propriedade pública como também sua normatividade e segregação social.

Como prática artística, a arte urbana funciona como elemento de contraposição, quebra expectativas. Uma mulher seminua em um anúncio de *outdoor* publicitário pode

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e-mail: patricia.nunes.ufrn@gmail.com.

---

chamar a atenção de quem está passando e o vê, mas um mural com grafismo do corpo feminino nu, com pelos, com deformidades e sangrando causa certos estranhamentos.

A história da arte nos mostra como as mulheres eram retratadas em diferentes épocas. Lipovetsky (2000) recorda que no campo das artes plásticas muitas mulheres eram retratadas sob a visão masculina. A arte do paleolítico trazia inúmeros signos femininos que iam desde representações vulvárias, triângulos pubianos aos signos ovais gravados sobre calcário. Com o aparecimento do Estado e das classes sociais, na Grécia Antiga, os poetas descreviam como a beleza feminina era, ao mesmo tempo, maravilhosa e temível, e os escultores exaltavam as formas físicas da mulher.

Posteriormente, o Cristianismo propagou a figura de Eva, não pela aparência física, mas por seus encantos que levaram Adão ao pecado. Na Bíblia, Sara, Salomé e Judite eram descritas como a arдил, a mentira e a astúcia. Ao longo de toda Idade Média, e bem depois dela, prolongou-se a tradição de hostilidade e de suspeita em relação à aparência feminina, a qual passou a ser vista como a “porta do diabo e o poder tentador”. Como não lembrar do período em que os aparelhos reprodutores da mulher não eram estudados pela medicina porque havia um mito de que eram semelhantes aos órgãos masculinos, porém de modo invertido?

A arte medieval traduziu em imagens essa estigmatização cristã da beleza feminina. Assim, segundo Lipovetsky (2000), havia representações em que o Diabo se travestia de bela moça. Em outras, a mulher aparecia sob os traços de serpentes antropomorfas, de criaturas com rostos diabólicos; eram representadas ao lado de monstros repugnantes a fim de desviar os homens de seus encantos funestos. Até o fim do século XIX, a idolatria do belo sexo se desenvolveu em um quadro social estreito, as homenagens artísticas à mulher e às práticas estéticas quase não ultrapassavam os limites do público rico.

Na contemporaneidade, podemos observar outras representações femininas trazidas pela arte, algumas sob o olhar de pintores, fotógrafos e escultores masculinos. Além disso, encontramos trabalhos realizados sob o ponto de vista de mulheres, protagonistas de suas narrativas, como é o caso das artistas Sun e Consuelo. Os grafites criados por elas são exemplos disso, pois trazem representações de mulheres que escapam aos códigos opressivos da publicidade e da mídia hegemônica como um todo, porque, por meio de suas narrativas de resistência, nos revelam corpos femininos que não são visibilizados de forma recorrente.

---

Portanto, sob essa perspectiva, este artigo, de natureza exploratória, tem como objetivo estudar os discursos das grafiteiras da cidade sobre as mulheres; o que elas dizem e como dizem a respeito da mulher e de seu corpo. Para tanto, busco descrever os trabalhos de duas artistas de Natal (Rio Grande do Norte, Brasil). Os dados foram coletados no período de 2018 a 2020. Dos 28 grafites coletados com personagens mulheres, selecionei sete com conteúdos que utilizam as imagens de corpos femininos detentores de suas narrativas. Nas fotos, escolhi figuras que se destinavam a questionar temas da mulher e do corpo.

O procedimento para coleta das intervenções se divide em duas etapas: observação etnográfica, que me possibilitou ir a campo, registrar e produzir a descrição do objeto investigado; e mapeamento das páginas do *Instagram* de Sun e Consuelo, a partir de *prints* (capturas de telas) das publicações, nos campos de *feed* e *stories*, sobre grafites que trazem personagens femininas. Segundo Christine Hine (2003), a etnografia pode ser usada na investigação das redes digitais, porém não deve ser dissociada do conhecimento presencial dos sujeitos que atuam nas situações (des)territorializadas. Para compreender as dinâmicas da cidade, dos grafites e das mulheres recorro a Silva (2011), Orlandi (2004), Cruz (2018), Lipovetsky (2000), Hooks (2019) e Le Breton (2019).

Tenho como pressuposto que os muros silenciosos ganham voz e vivacidade por meio de artistas como Sun e Consuelo, e suas inscrições chamam a atenção para temas socioculturais e históricos que retrataram vivências públicas e privadas das mulheres. A seguir, mostrarei alguns dos seus discursos sobre a mulher em seus grafites em Natal.

### **O grafite como forma de resistência**

Para Armando Silva (2014), o grafite é feito em espaço liberado para tal e tem uma função política explícita. Ressalta-se que o grafite em sua essência é uma pintura de mural sem autorização, mas que requer mais tempo que a pichação. Segundo Silva (2014), a palavra *grafite* vem da expressão italiana *graffiti*, plural de *grafito*, do grego *graphis*, carvão natural, a matéria com a qual se produz o grafite usado em lápis e lapiseiras. Na década de 1960, o vocabulário *graffiti* foi utilizado para definir as pichações com *spray*, e nos anos de 1970, para indicar as modernas pinturas feitas com a mesma tinta.

Segundo Orlandi (2004), o ato de grafitar e pichar é uma prática comunicativa, porque há comunicação entre os atores envolvidos e aqueles que leem suas mensagens.

---

A autora faz a diferenciação de sentido ao afirmar que a pichação é adrenalina, é para se mostrar, afirmar-se como indivíduo; já o grafismo é social, é político, é arte. Segundo a autora, essas expressões da cidade são comunicação porque há organização entre elas e muitas dessas mensagens são assinadas por *tags*. Essas *tags* podem se configurar como a assinatura que identifica a obra de um grafiteiro ou pode ser uma prática isolada da escrita de um codinome ou apelido em uma superfície qualquer no espaço público.

Na contemporaneidade, reforça Orlandi (2004), é impossível se pensar numa cidade sem as intervenções urbanas e nos discursos que elas possibilitam por meios de materialidades. Na cidade, os escritores de rua propagam suas mensagens através de sinais elaborados e contradizem o pensamento de que são sujeiras visuais, como afirma parte da sociedade que aceita o cartaz e o *outdoor* publicitário que têm patrocínios para publicar mensagens sobre seus produtos ou serviços. Os grafiteiros e pichadores constroem redes de ligação e se relacionam através de sinais, formam grupos, estabelecem relações sociais não só na mesma cidade como em localidades diferentes.

Desse modo, independentemente de suas distinções complexas e capacidade de aceitação popular, esses tipos de imagens existem, especialmente em grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. Em Natal, as manifestações são tímidas se comparamos com esses centros, mas no que tange ao conteúdo elas são muito expressivas. Silva (2011) nos ajuda a entender o fenômeno ao afirmar que, em maior ou menor número, as intervenções urbanas revelam conflitos sociais e expressões públicas e podem representar desejos e frustrações coletivas. No sentido de que os artistas urbanos dão vozes às pautas que ficam fora da mídia tradicional, procuram evidenciá-las em suas expressões.

Percebemos que há essa oposição de sentido entre poluição e embelezamento com relação às intervenções urbanas nas metrópoles. Enquanto para algumas pessoas essas manifestações são vandalismo e poluição, como no caso das pichações, para outros os grafites são imagens que quebram a expectativa do comum, que fogem do esperado em meio as outras imagens que invadem nossos corpos; são respiros de arte em meio a selva de pedras das grandes metrópoles.

A cidade é um espaço ideal para o estudo das relações sociais e comunicativas. Entendo que, por ser palco das diversas dinâmicas sociais e culturais, ela é lugar para atos de natureza política, em que protestos, ativismos, manifestações, intervenções marcam a evolução das nossas sociedades. Na contemporaneidade, a sociedade está cada vez mais consciente política e socialmente de problemas como machismo, sexismo, homofobia,

racismo, xenofobia, exclusão social e seus mais diversos tipos de violência. Tais problemas têm sido mobilizadores de diversas formas de resistência e reivindicação de direitos políticos e sociais.

O que se percebe, nesse sentido, é que a arte tem se revelado, ao longo da história, como dispositivo comunicacional, atuando como narrativa de resistência para os subalternos e oprimidos, como defendem Mondardo e Goettert (2008, p. 294), a arte urbana comporta “um conjunto de práticas que podem, inclusive, exprimir formas de resistência à ordem estabelecida hegemonicamente pelos grupos e/ou atores dominantes da sociedade burguesa e pelo Estado”. Nesse sentido, “são maneiras encontradas pelos agentes hegemônicos (mas que expressam suas marcas de contraposição) em meio aos seus descontentamentos cotidianos, em relação à exclusão e discriminação” (MONDARDO; GOETTERT, 2008, p. 294).

Na cidade, os grafites e as pichações operam como manifestações do discurso urbano, tais ações são denominadas de *narratividade urbana* por Orlandi (2004). Para a autora, uma das formas de romper o silenciamento nas cidades é por meio da arte urbana; essas imagens dão vozes àqueles que não possuem espaço nas mídias tradicionais hegemônicas, como nos *outdoors* patrocinados por anunciantes, e que fazem dos muros e paredes espaços para visibilização de suas subjetividades. Orlandi (2004) descreve que a marca do grafismo é justamente o seu caráter indecifrável, seu modo enigmático de significar o insignificante, dando novas formas de significação, novas organizações do dizer, novos modos de entrar nos processos de identificação, em que as manifestações são outras formas de subjetivação (ORLANDI, 2004).

### **O discurso da mulher no grafite da cidade**

Os grafites que trago a seguir são de autoria de duas grafiteiras que fazem suas intervenções na cidade de Natal (Rio Grande do Norte). Antes de adentrar no trabalho das artistas, é importante sabermos quem são elas. Maíra Sara (*tag Sun*) se define como “arteira múltipla que, através de ilustrações, aborda tabus de nossa sociedade machista, misógina, patriarcal e autoritária buscando a subversão da invisibilidade, da produção artística”. Sun tem um ateliê localizado em Macaíba (Região Metropolitana de Natal), onde ela expõe seus trabalhos de pinturas em telas, camisetas, porta-lápis, xícaras,

chaveiros, além de ceder espaço para divulgação de outros artistas locais. Seu perfil no *Instagram* (@sunsarara) tem mais de seis mil seguidores.

Larissa Cruz (*tag* Consuelo) é outra grafiteira muito conhecida por seus trabalhos na cidade, inclusive já esteve em outras capitais como Recife, Aracaju e Rio de Janeiro. Divulga sua arte no seu perfil do *Instagram* (@consueloveacoroca), com mais de 1.960 seguidores. Suas postagens no *feed* e nos *stories* variam entre murais em grafites, processos de criação, desenhos, pinturas em bolsas, chapéus, camisetas e tatuagens. Consuelo é formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) cuja monografia é intitulada *Mulheres que se arriscam por um risco*.

Dos grafites que chamam a atenção, um deles é um veiculado na avenida Senador Salgado Filho, principal via que atravessa a cidade. A pintura traz a figura da mulher enquadrada em plano americano (da cabeça à parte inferior ao quadril), usa um capuz de cor preta que cobre parte do rosto, deixando visível apenas os olhos que estão pintados de vermelho.

O corpo despido tem pinturas de cor vermelha, uma em cada braço, e leva uma lança parecida com as usadas pelos indígenas na mão esquerda, segurando firme na direita um objeto que aparenta ser uma granada. O corpo da personagem está nu, isso nos possibilita observar seus pelos nas axilas e na vagina. Além disso, mostra as *imperfeições* desse corpo como gorduras, celulites, contornos, marcas e deformidades, pois lhe falta a mama esquerda e a direita é flácida, estando parte encoberta pelo braço.

Ao observar os elementos próximos da personagem, podemos compreender mais a mensagem. Próximo da mulher há uma criança de traços indígenas com a inscrição *Mães, parabéns*, ou seja, a imagem induz ser de uma mãe, mas uma mãe real. Porque ela aparece expondo seu corpo natural, sem aquela estética corporal e de beleza que estamos habituados a observar nas imagens publicitárias. É um corpo que, para alguns, causa incômodo, porque a cultura machista os acostumou a perceber esteticamente o bonito, o corpo padrão.

Esse grafite vai na contramão dos discursos hegemônicos da mulher na sociedade de consumo, em que a gordura, a flacidez e o sedentarismo simbolizam a indisciplina, o descaso. As mulheres são culpadas pelo fracasso do próprio corpo, o qual é, sem dúvida, vigiado e punido. Em seus estudos sobre o corpo, Felerico (2018) constatou que no imaginário feminino não há um ideal de corpo padronizado, mas, sim, um corpo ultramedido, normatizado pelo discurso midiático que intensifica e dissemina a produção

de práticas, hábitos e exercícios. Tal normatização é um mecanismo de controle e construção de corpos e subjetividades.

Figura 1 – Grafite com mulher sem a mama em Natal (RN)



Fonte: Autoral, 2018

Então, se por um lado, temos um *outdoor* publicitário do Dia das Mães com uma imagem de mulher maquiada e bem arrumada, conforme as normas sociais, do outro temos ocupando o mesmo espaço público uma mãe nua, com seus instrumentos nas mãos pronta para a batalha. E ela não é a representação de uma mulher imaculada como nas imagens que temos da Virgem Maria, trazidas pelo Cristianismo. O corpo nu do grafite não possui carga vulgar, mas, sim, de choque, o que nos faz lembrar Silva (2011) quando diz que, no caso do grafite, o obsceno causa estranhamento. E a intenção é justamente essa: chamar atenção como forma de provocação pública, para que possa ser visto e lido.

O grafite de Consuelo traz uma mulher sem um dos seios, o que nos leva a induzir que sua perda decorreu de um câncer de mama. Segundo o Instituto Nacional do Câncer, 17.763<sup>3</sup> pessoas morreram em consequência da doença em 2020, sendo 17.572 mulheres. Por acometer majoritariamente a mulher, ele deixa marcas físicas e psicológicas. No que tange a autoestima, lhe afeta justamente por uma cobrança estética.

Segundo Consuelo, tal fato a levou a reproduzir imagens com essa figura sem uma das mamas para levar para as ruas o assunto e normatizar esse corpo que a sociedade não espera ver. “Comecei a colocar os corpos sem mamas nas paredes, me interessei cada vez mais por cicatrizes que, aliás, temos muitas, desde as visíveis, como as que não são visíveis, e como sempre silenciadas” (CRUZ, 2018, p. 63). A artista esclarece ainda que desenvolve pinturas de corpos em vários lugares do Brasil.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-mama>. Acesso em: 20 dez. 2020.



No grafite a seguir, a grafiteira mostra a personagem de outro modo, apresentando a mulher que questiona e se opõe ao poder político e a mídia. O grafite traz a figura de uma mulher em plano americano. A mulher está nua e sua cabeça coberta por um tecido preto, semelhante a um capuz, visível apenas os olhos, parte da testa e do nariz. O corpo tem curvas, falta-lhe um dos seios, que são encobertos pelos braços cruzados. O seio direito da personagem é flácido, a barriga possui dobras, há pelos que começam a aparecer desde o umbigo até a vagina, que é encoberta por eles – semelhante à primeira imagem. Ao lado desse corpo tem-se os seguintes enunciados: “#seligalera, #tárolandoditadura, #guerrasfinanciadas, #pelogoverno, #peloeva, #pelasmídias, #explodeglobo, #explodebolsonaro e #explodetem&companhia”.

Havia outra intervenção com a mesma personagem, mas dessa vez na Zona Norte da cidade. O grafite próximo a uma placa de *outdoor* encobre uma propaganda inscrita na parede com tinta branca. As duas imagens são de mulheres que estão enquadradas em plano detalhe, não magras, com curvas, pelos na vagina, sagrando (o que sugere ser sangue menstrual), possuem estrias, cicatrizes e, mais uma vez, lhes falta um dos seios. Ao lado desses corpos femininos observamos as seguintes inscrições: “#respeitaartederuapublicidade, #vocêstêmpatrocínionósnão e #respeitaasminas”.

Figuras 2 e 3 – Grafites com mulheres em posição antissistema de Natal (RN)



Fonte: Autorial, 2018



Fonte: Consuelo, 2020

O grafite, ao questionar a publicidade que possui patrocínio, revela particularidades dos seus discursos que são caracterizados por serem expressões filtradas da marginalidade. Além disso, há o uso de *hashtag* (símbolo #, cerquilha), elemento que transcende os suportes das ruas para o digital, para convocar um posicionamento antissistema e em rede. Sobre esse tipo de inscrição, Silva (2011) declara que entre a publicidade e o grafite há diversas ordens visuais intermediárias nos muros:



---

O que se opõe diametralmente ao grafite é a publicidade: enquanto o primeiro busca um efeito social, de forte carga ideológica ou, de algum modo transgressora de uma ordem estabelecida, a publicidade busca o consumo do enunciado e assim sua intenção comunicativa é antes de tudo funcional para um sistema social, político e econômico (SILVA, 2011, p. 6).

Diante disso, percebo que as imagens trazem uma carga simbólica porque são corpos nus. Possivelmente, se não os fossem, não chamariam a atenção para os discursos de questionamentos com respeito aos sistemas do governo e da mídia. Além disso, criticar a publicidade, como percebi em outros grafites, pode indicar os sentimentos de mulheres que não estão de acordo com os discursos publicitários sobre elas e seus corpos. Le Breton (2019, p. 50) diz que “tal como transparecem na extensão do corpo e se colocam em ação nos comportamentos, os sentimentos são emanções sociais que se impõem por seu conteúdo e sua forma aos membros da coletividade, colocadas numa dada situação moral”.

Assim, os nossos sentimentos de amor, amizade, alegria, humilhação e raiva são expressos fisicamente. Eles se inscrevem nos nossos corpos, rostos, nossas posturas, nossos gestos e são enraizados em normas coletivas explícitas. Desse modo, as intervenções das artistas são a expressão de suas emoções. Emoções de crítica aos discursos hegemônicos que hipersexualizam mulheres sob a luz dos seus holofotes. Outro ponto a destacar são os discursos sobre corpos com deformidades, majoritariamente trazidos por Consuelo em seus grafites com figuras femininas. A grafiteira passa a dar visibilidade a esse grupo que é estigmatizado.

Segundo Le Breton (2019), as tentativas de apagamento social desse corpo é algo costumeiro, pois a sociedade não quer percebê-lo, portanto, a falta de visibilidade nas imagens do espaço público decorre dessa “aceitação imaginária que está na origem da normalidade” (p. 74). Segundo ele, “o corpo deve passar despercebido, fundir-se nos códigos e cada ator deve poder encontrar no outro, como num espelho social, as próprias atitudes e a imagem que não surpreende nem o atemoriza” (p. 74). Ou seja, o corpo ao qual falta algum atributo social é estigmatizado. É objeto de espanto para os filmes de terror, mas não pode ocupar os espaços da cidade por não ser *esteticamente bonito* como o da publicidade. Então, os corpos grafitados por Consuelo são, assim, censurados.

As próximas intervenções urbanas trazem imagens de corpos femininos fragmentados, em que são mostradas partes da mulher que, culturalmente, são vistas com pudor, como a vagina. Na primeira imagem, temos um corpo feminino em plano detalhe,

nu, com a vagina sangrando e coberta por pelos. O corpo possui curvas e marcas. Ao lado dele, vemos o texto *Chega de feminicídio* escrito em cor vermelha. O segundo grafite é de Sun e ilustra uma vagina ou, como ela mesma afirma, uma *buceta* na cor rosa. A grafiteira procura mostrar na pintura, de maneira didática, cada ponto do órgão genital feminino. Ao lado escreveu: “lábios menores, uretra, clitóris, vagina, salve todas as bucetas”.

Figuras 4 e 5 – Grafites com vaginas de mulheres em Natal (RN)



Fonte: Consuelo, 2020



Fonte: Sun, 2020

A imagem desse corpo se insere num contexto em que, no Brasil, a taxa de feminicídio chega a ser a quinta maior do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). E os dados<sup>4</sup> se agravam ainda mais quando o recorte é feito por unidade da federação. Em 2017, o Rio Grande do Norte teve o maior índice de homicídios contra mulheres, 8,4 a cada 100 mil mulheres. Isso apesar de haver certos mecanismos para coibir a violência contra a mulher, como a Lei do Feminicídio 13.104/2015, criada para incluir o ato no rol dos crimes hediondos.

O que se observa nas intervenções anteriores é que as autoras buscam denunciar esse corpo que sente e sangra mensalmente, um corpo feminino que passa por assédios, violência, feminicídio, simplesmente por ser mulher. Ressalto que a própria grafiteira (Consuelo) relatou que a imagem foi censurada dois meses depois da sua criação. Isso nos ajuda a compreender que a mensagem incomoda e, por isso, expressa poder de resistência à desigualdade de gênero em que vivem muitas mulheres.

As violências praticadas contra as mulheres devido ao seu sexo assumem múltiplas formas. Elas englobam todos os atos que, por meio de ameaça, coação e força, lhes infligem, na vida privada ou pública,

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/cresce-n-de-mulheres-vitimas-de-homicidio-no-brasil-dados-de-feminicidio-sao-subnotificados.ghtml>. Acesso em: 20 jan. de 2021.

---

sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos com a finalidade de intimidá-las, atingi-las na sua integridade física e subjetividade (ALEMANY, 2009, p. 271).

O sangue que escorre entre as pernas desse corpo mostra sinais do biológico, do natural. Ademais, o grafite pode ser provocador porque há na cultura um tabu que envolve a menstruação, reforçado pelas condições às quais as mulheres são submetidas, justamente por seus corpos serem silenciados pela falta de diálogo aberto sobre o assunto. A esse respeito, como não lembrar da vergonha que as jovens meninas sentem ao comprar um absorvente na farmácia?

Várias são as vezes em que as mulheres se sentem constrangidas com o sangue que sujou, por acidente, suas vestes. A cultura ensina as mulheres a não falarem da menstruação e construiu um preconceito sobre algo que é natural, biológico, próprio do corpo da mulher. Portanto, Consuelo, ao apresentar esse tipo de discurso, traz à tona não apenas a sua voz, mas a de tantas outras que passam a ser visibilizadas em sua arte, as tirando do silenciamento social ao qual são condicionadas. O discurso “irrompe no social com seu gesto, não desejado, mas possível, pelo traço, pelo signo, pela grafia. E produz condição de vínculo (ao lado de) no espaço nem sempre permitido, no resíduo, na beira, no muro” (ORLANDI, 2004, p. 114).

A vagina trazida por Sun não é a única espalhada por Natal, existem várias em muitos pontos da capital, com algumas mudanças na coloração. Ao espalhar pela cidade essas figuras, a grafiteira trabalha com algo que nos lembra um dos recursos utilizados pela publicidade, que é a estratégia da repetição. Os anunciantes fazem isso utilizando a mesma mensagem em diversos *outdoors* pela cidade – uma forma de conseguir um maior alcance e trabalhar com a ideia de memorização.

Outro aspecto é que, pelo que parece, é proposta da grafiteira disseminar o autoconhecimento do corpo feminino ao mostrar os pontos localizados na vagina. Inclusive, há outros grafites seus com corpos femininos em que ela ilustra as zonas erógenas como uma forma educativa de, por meio da arte, propagar os locais de prazer feminino. O gesto vai ao encontro da proposta feminista da liberdade sexual da mulher. Liberdade que necessita do conhecimento do corpo e do seu significado de integridade social. Hooks (2019) relaciona a falta do autoconhecimento das mulheres na sociedade contemporânea à história do movimento feminista:

A militância feminista voltada para a sexualidade estava tão focada somente nas políticas para garantir às mulheres o direito de ser sexual quando quiséssemos e com quem quiséssemos, que houve pouca educação feminista voltada para a conscientização crítica, ensinando-nos a respeitar o nosso corpo de uma forma antissexista, ensinando-nos o que era o sexo liberador (HOOKS, 2019, p. 129).

Os grafites de vaginas encontrados nos lembram o caso da artista Juliana Notari, de Pernambuco, que, no início do ano de 2021, saiu em diversos portais de notícias<sup>5</sup>. A artista plástica esculpiu uma vagina de 33 metros de altura, 16 metros de largura e 6 metros de profundidade. A obra, intitulada *Diva*, obteve grande repercussão pelo mundo, entre os inúmeros elogios e também críticas de moralistas e machistas incomodados com a arte da autora.

Isso nos mostra que censurar a figura da vagina só reafirma a antiga repulsa que a sociedade patriarcal e machista tem da vagina e da menstruação. É uma construção social enraizada na cultura que precisa ser rompida. Assim, as duas artistas renovam os esforços feministas não só para reafirmar a beleza dos corpos femininos, por serem corpos fora do padrão de beleza sexista, mas publiciza temáticas importantes como a do tabu da menstruação e o feminicídio.

Os grafites seguintes trazem outro tipo de assunto relacionado ao universo feminino, que é a sua sexualidade.

Figuras 6 e 7 – Grafite sobre a sexualidade feminina em Natal (RN). Lado esquerdo com a imagem antes de ser censurada, lado direito a imagem pós-censura.



Fonte: Sun, 2019



Fonte: Autoral, 2019

A imagem é de uma mulher branca, com cabelo longo e ruivo, que tem uma espécie de par de chifres, olhos fechados, lábios entreabertos, corpo magro, mas com

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/01/09/polemica-em-torno-de-escultura-de-33-metros-em-formato-de-vulva-surpreende-artista-medo-vem-da-potencia-da-mulher.ghtml>. Acesso em: 18 jan. 2021.

---

curvas e dobras na região da barriga, e seios pequenos. Leva em uma das suas mãos algo semelhante ao coração humano; a outra mão está a tocar a vagina. Ao lado, há o seguinte texto: *Já gozou hoje, mulher?*

A arte não é a única com essa temática na cidade, há outras com personagens semelhantes tocando suas vaginas, demonstrando prazer, acompanhadas das seguintes inscrições: *conhecimento liberta, você também pulsa, dias mulheres virão*. Assim, reafirma a intenção de ilustrar o autoconhecimento do corpo feminino. Agora, pensando no sentido que essa imagem feminina produz, se percebe mais uma vez a repulsa dos assuntos relacionados ao corpo da mulher. Isso é reafirmado pela recepção que a mensagem teve na cidade, já que semanas depois o grafite foi censurado nas partes dos seios e da vagina, assim como foi colocada a inscrição *negrada* próximo ao corpo.

Vejamos, a quem interessa o controle da sexualidade feminina? Conforme Hooks (2019), ao patriarcado. Para a autora, o mundo da sexualidade da mulher mudou com o surgimento da revolução sexual feminista, no entanto, ainda hoje vivemos entre gerações de mulheres que nunca souberam o que é prazer sexual. “O pensamento sexista ensinado às mulheres desde o nascimento deixou claro que o domínio do desejo sexual e do prazer sexual era sempre e somente masculino, que apenas uma mulher de pouca e nenhuma virtude diria ter necessidade sexual ou apetite sexual” (p. 127).

Nesse sentido, as próprias mulheres tinham dois estereótipos sexuais sexistas: *madona e puta* e, por isso, no transcorrer da história, elas não tinham base para se construir sexualmente. Porém, com o movimento feminista, iniciou-se o trabalho para acabar com os estereótipos sexistas em paralelo ao acesso aos métodos contraceptivos que promoveram a autoafirmação da sexualidade da mulher. Embora existam outras decisões a serem legalizadas como o direito ao aborto, que no Brasil é crime (o induzido), previsto no Código Penal desde 1984. O corpo da mulher é, assim, controlado pelo Estado, que se empenha em organizar as modalidades corporais segundo as finalidades que lhes são próprias (LE BRETON, 2012).

### **Considerações finais**

Neste texto pretendi mostrar os discursos existentes de e sobre as mulheres na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, ilustrando os corpos femininos que emergem nesses espaços. Percebi que há imagens que se revelam como modos resistência, pois se distanciam dos discursos observados na publicidade dessa cidade, que são reiteraões de

objetificação corporal e de padrões estéticos de mulheres – majoritariamente jovens, brancas, magras, de olhos claros, cabelos lisos, além de associação de discursos de valorização da juventude e promoção da boa forma (NUNES, 2020).

Se nos discursos da publicidade as mulheres para serem bem-sucedidas precisam do corpo perfeito, serem lindas e jovens, em contrapartida, nessa mesma cidade, temos os grafites de Consuelo e Sun que dão representatividade a outras mulheres. Dos 28 observados, todos estão fora do padrão estético-corporal. Os grafites de Consuelo são os que dão visibilidade para corpos femininos sem um dos seios (que induzem ser uma mulher com câncer de mama), sangrando (que parece ser menstruação), não magros, com gorduras, marcas, celulites, pelos, estrias e tatuagens. Os discursos nesses grafites eram de mulheres que se colocam contra o governo, a mídia, a publicidade, que questionam a política, reivindicam os direitos sobre seus corpos e suas sexualidades.

Os grafites de Sun também são de corpos de mulheres despidas, mas as temáticas abarcam o empoderamento feminino e autoconhecimento do corpo. Pelo que observo, sua intenção comunicativa é educar as mulheres para que se conheçam mais, colocando em seus discursos a liberdade sexual. Ambos os grafites trazem figuras que se aproximam mais de uma ideia de diversidade.

Considero, ainda de forma preliminar, que os grafites se manifestam como vozes de mulheres que fazem dos suportes das cidades meios de comunicar seus pensamentos, suas visões, discordâncias, seus posicionamentos a respeito das questões atuais. Pautas comumente debatidas no movimento feminista, como a liberdade sexual e o autoconhecimento do corpo, são trazidas para o espaço público através dos grafites e das pichações.

As intervenções de Consuelo e Sun são meios de comunicar suas inquietações. Além disso, buscam ser representativos ao trazerem personagens negras e indígenas, por exemplo. Percebo que, ao trazerem mulheres em posição de combate, se colocando na cena pública contra todas as formas de opressão e subordinação social, ao ocupar espaços legitimados por homens, elas resistem à estrutura patriarcal e rompem o silenciamento que lhes é dado, fazendo de suas presenças na cidade em si uma forma de resistência, conforme dizem Mondardo e Goettert (2008). Os grafites, portanto, se organizam segundo suas estratégias discursivas, que se constituem como modos de resistência quando apropriados e dominados nas cenas das cidades.



---

## Referências

ALEMANY, Carme. Violência. In: HIRATA, Helena *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

CONSUELO. **Consuelo oleusnoc - C.O.** Natal, RN. Instagram: @consueloveacoroca. Disponível em: <https://www.instagram.com/consueloveacoroca/>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CRUZ, Larissa Cristina Braz da. **Mulheres que se arriscam por um risco: uma cartografia da pichação e graffiti feminino na cidade de Natal-RN**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

FELERICO, Selma. **Do corpo desmedido ao corpo ultramedido**. Curitiba: Appris, 2018.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2003.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvi Libânio. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MONDARDO, Marcos Leandro; GOETTERT, Jones Dari. Territórios simbólicos e de resistência na cidade: grafias da pichação e do grafite. **Terra Plural**, v. 2, n. 2, p. 293-308, jul./dez. de 2008.

NUNES, Patrícia de Souza. **Consumidora consumida: a mulher em anúncios de outdoors**. Curitiba: Appris, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

SILVA, Armando. **Atmosferas urbanas: grafites, arte pública, nichos estéticos**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção estudos; 173 dirigida por J. Guinsburg).

SUN. **Arteira potiguar**. Natal, RN. Instagram: @sunsarara\_. Disponível em: [https://www.instagram.com/sunsarara\\_/](https://www.instagram.com/sunsarara_/). Acesso em: 20 dez. 2020.